

## LITERATURA SEM CALCINHA

Autora do projeto<sup>1</sup>: Isabelle Ruiz Paggiolo Sessino Toledo Barbosa

Orientador<sup>2</sup>: Prof. Dr. Divino José da Silva

### 1 INTRODUÇÃO

Escrito sob a proposta de neolinguagem apresentada no Guia para “Linguagem Neutra” de Ophelia Cassiano (2019), o projeto pede lembrar a consciência do inacabamento que nos predispõe à mudança e à aceitação do diferente (FREIRE, 1999). Apesar das muitas sugestões de neopronomes para a 3ª pessoa do caso reto, o @ continua a ser exclusivamente para transcrever LIBRAS e o X nada mais é que um empecilho para leitores de tela, deficientes visuais, neurodivergentes (LAU; SANCHES, 2019, p.90) e para melhores propostas de linguagem não-binária<sup>3</sup>. No texto, o sistema APF (artigo; pronome; final de palavra<sup>4</sup>) genérico é ê/elu/e. Ou seja, a flexão de gênero se dará pela vogal temática, e, u ou y quando e indicar outra flexão de gênero. Por exemplo, aquele. Em terminações cujo plural poderia sugerir flexão de gênero “masculina” é acrescentado i antes do e (como em trabalhador<sup>ies</sup>) ou substituído por y (como trabalhador<sup>ys</sup>). Pronomes possessivos podem ser adaptados de duas formas: mi/minhe e su/sue.

Sou sobrevivente de um ensino excludente. Sobrevivente de um ensino de literatura que nunca me permitiu ver semelhantes. Sobrevivente de uma faculdade que não me disse como ensinar para iguais a mim. Essa pesquisa é resultado de uma vida que não desistiu graças a um coletivo que se fez possibilidade. Como bell hooks (2017), vim à teoria machucada afim de cura e, como ela propõe, minha intenção é fazer da teorização, prática libertadora. Como Preciado,

<sup>1</sup>Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

<sup>2</sup>Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Grupo de Pesquisa “Valores, Educação e Formação de Professores”.

<sup>3</sup>Importante destacar: os benefícios da destruição da norma binária alcançam muitas populações para além de adultos homens, mulheres e enebês; pessoas intersexo ao nascer (ou antes disso, a depender da tecnologia disponível) já correm perigo de mutilações genitais (e outras coisas mais) a fim de manter a ficção da naturalidade da norma binária. Para mais informações, sugiro inicialmente a leitura do Guia acima disposto.

<sup>4</sup>Isso pois na língua portuguesa não apenas pronomes flexionam gênero. Das 10 classes gramaticais (sendo elas substantivo; artigo; advérbio; numeral; pronome; verbo; adjetivo; conjunção; preposição; interjeição), metade pode ser flexionada por gênero (substantivo; pronome; alguns numerais; artigo; adjetivo).

entendo que a escola não é apenas lugar de aprender conteúdos, “é uma fábrica de subjetivação: uma instituição disciplinar cujo objetivo é a normalização de gênero e sexual.” (2020, p.137) E faz isso com o apoio de currículos, formações, tolerância a certas condutas, intolerância a outras... A literatura e o ensino de língua são uma ferramenta de dominação dentre tantas. A partir delas criam-se referências de vida, exemplos do que pode ou não acontecer. O ensino de uma literatura não crítica, distante do mundo dos alunos corrobora com a normatividade — que, por sua vez, corrobora com o desprezo pelas vidas que dissidem. Ou seja, ao escolhermos (ou nos obrigarem) referências normativas, escolhemos dizer que outras referências não existem, são estranhas. Habitamos o olhar, convívio e escuta a um grupo em detrimento de outro e isso resulta na destruição de fundamentos essenciais de um grupo: quem não se vê, não se percebe, acredita não existir. É possível perceber aí a colonialidade no trabalho de literatura, quando a isolam de, como colocou Nilma Lino Gomes,

seu contexto e fechando somente para a interpretação (quase defensiva!) de que ela somente pode ser entendida na qualidade de uma obra estética e, por isso, ganha autonomia em relação ao autor(a) e não pode ser questionada. (...) A produção literária é feita em um contexto, por sujeitos concretos, que pensavam a vida e a sociedade em que viviam e as refletiam. Ela é produto de uma época. (2018, p.254).

Os textos canônicos, hoje percebemos, gerenciam violências e perpetuam essas tensas relações de poder: “Como não dizer que é preciso também descolonizar a literatura ou pelo menos o que alguns intérpretes da literatura fizeram dela?” (idem)

Contra-colonizar (BISPO DOS SANTOS, 2019) a literatura deve ser, também, proporcionar possibilidade de ler o mundo e estabelecer relação direta entre o cotidiano e o texto literário para que seu ensino seja espaços de construção de mundos possíveis. (SILVA, p.517, 2005). Contra-colonizar a literatura e seu ensino exige, além de admitir os problemas desses saberes, mudar as referências, transformar e transpassar o que se entende por literatura. Não adianta lamentar-se sobre “infelizmente, te[r]mos o conceito de que literário deve ser escrito, logo, a verdade deve ser escrita, só é verdade o que é escrito.” para, logo em seguida, justificar que a sociedade estabelece “verdades para a compreensão do que são valores e essas verdades absolutas, que estão presentes no cânone devem ser aceitas, não sendo possível mudá-las.” (FRANCO, 2019, p.8) É possível mudá-las. Bem como a língua está em constante mudança, afirma Marcos Bagno (2014), por nós que a reinventamos todos os dias, igualmente estão as ideias que nela se propagam. Cabe a nós, sobretudo que vivemos na/da educação, refletir sobre essas verdades absolutas porque elas têm sido perigosas.

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma forma contracolonial de ensino de língua, fortalecedora de discursos e práticas de gênero contra-hegemônicas para modificar a sala de aula, com sorte, a escola. Nos reinventarmos “não só apesar do silenciamento colonial htcissexualizante mas contra ele” (NASCIMENTO, 2018, p.4/15).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Minhas experiências enquanto dissidente dentro da escola — como estudante e professor serão o objeto dessa pesquisa que se propõe a responder à pergunta: como e o que significa para a escola tirar a calcinha do ensino de literatura na escola? Adianto, no decorrer do texto, essa calcinha se transforma em uma cuecalcinha — pelo que significa o símbolo da cueca e pelo sugestivo som desse híbrido. Que invoca também “a demanda de propor possibilidades **anal-líticas** do contemporâneo para as questões de sexualidades e gêneros, em interfaces com as instituições que desenham as relações humanas” (SALES, 2019, p.89, grifo da autora). A interseccionalidade e o transfeminismo (NASCIMENTO, 2021) guiam entender como pode se dar esse ensino cuja pergunta norteadora de minha pesquisa sugere (nada) sutilmente. Se desenrolará aqui uma prova de que a melancolia de gênero (BUTLER, 2017 *in* STONA, 2020) envenenou também o ensino de línguas e como se dão práticas de resistência a esse poder pelo olhar metodológico da perspectiva de sujeito (MECHERIL, 1997, p.37 *in* KILOMBA, 2020, p.75).

Como objeto de pesquisa, tomo alguns capítulos das revistas do PROVE de 2021 e 2022 e o filme “Se essa escola fosse minha”. Meu interesse é ver o caminho que me trouxe aqui e endossar o motivo pelo qual entendo a pandemia como um marco na nossa história. Foi durante ela que encontrei o PROVE, comecei a trabalhar dentro da escola pública e experimentei idas e vindas do ensino remoto emergencial. Outra razão pela qual escolho as revistas do PROVE e o documentário citado é para costurar essas narrativas às minhas escrituras pela escolha metodológica, a que Grada Kilomba traduziu (2020). Ela se debruça sobre entrevistas de mulheres negras para estudar os efeitos do racismo em suas maiores vítimas. Ao fazê-lo, afirma seu coletivo e a posição de sujeitas de importância. Aqui, o documentário e as revistas ocuparão esse papel.

Para que fique certo o conceito de cânone me apoiarei no artigo “O cânone literário nos materiais didáticos do ensino médio” de Sandra Franco (2008) e em Ngung Wa Thiong’o, no quarto capítulo de seu livro “*Descolonizar la mente*” (2015).

O pensamento trans, que não é detalhe, mas “chave interpretativa essencial para superação de nossas atuais limitações e impasses históricos enquanto humanidade” (ODARA, 2020, p.133) e a perspectiva de sujeito permitem performar essa subjetividade que não encontrou espaço senão nas trincheiras da escola, de literaturas marginais. “A pesquisa centrada em sujeitos”, argumenta Paul Mecheril (1997, p.33), “examina as experiências, auto-percepções e negociações de identidade descritas pelo sujeito e pela perspectiva do sujeito” (KILOMBA, 2020, p.81).

Pesquisa de metodologia qualitativa, não há o que mensurar dos eventos interessados a esse projeto (GODOY, 1995) orientada pelo paradigma crítico, propõe considerações para mobilizar desejo de modificar o mundo (MATTAR; RAMOS, 2021) — crítico pelo referencial teórico que pavimentava o caminho dessa reflexão (MERRIAM; TISDELL, 2016, p.59 in MATTAR; RAMOS, 2021): estudos e ativismos *queer*, feministas, libertários. Essenciais para analisar e entender de maneira (justamente) menos quantitativa os resultados; e mais política, poéticas. Fazer isso pela escrevivência de Conceição Evaristo (2020) é o que retira a cuecalinha dessa pesquisa e permite que minhas experiências enquanto corpo dissidente na escola sejam objeto de pesquisa.

**Palavras-chave:** Metodologia do Sujeito; Não-binariedade; Sala de Aula; Ensino de Língua.

## REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. **La teología indecente: perversiones teológicas en sexo, género y política**. Barcelona: Bellaterra, 2005.

ALTHAUS-REID, Marcella. Marx en un bar gay. **La Teología Indecente como una Reflexión sobre la Teología de la Liberación y la Sexualidad**. Disponível em: Althaus-Reid-2008-Marx-en-un-Bar-Gay.pdf (elizabethruano.com). Acesso em 20/04/2023. São Paulo: Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, 2008, vol. 11, nº 1-2, p. 55-69.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico no Brasil**. Entrevista cedida à União Nacional dos Estudantes. 2014. Disponível em: <https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético.** Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portuga I. São Paulo: Autêntica, 2019, p. 23-35.

CASSIANO, Ophelia. **“Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR) | by Ophelia Cassiano | “Linguagem Neutra” (PT-BR) | Medium, 2019.** Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acesso em: 14 fev. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escritivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires. **O cânone literário nos materiais didáticos do ensino médio.** PDE-UEM. 2019. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_sandra\\_aparecida\\_pires\\_franco.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_sandra_aparecida_pires_franco.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra: 1999.

GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** São Paulo: Revista de administração de empresas, 1995, vol. 35, p. 57-63.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte: autêntica, 2018, p. 223-246.

HOOKS, Bell, et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

LAU, Heliton Diego; SANCHES, Gabriel Jean. **A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões making herstory.** Curitiba: Revista X, 2019, vol. 14, nº 4, p. 87-106.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas.** Coimbra: Grupo Almedina, 2021.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo.** Coleção Feminismos Plurais coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. **Da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra** (pdf.usp.br) Palavra, preta, 2018. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5808148/mod\\_resource/content/1/da%20palavra%20queerlombo%20ao%20cui%CC%81erlombo%20da%20palavra%20%20palavra%2C%20preta%21.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5808148/mod_resource/content/1/da%20palavra%20queerlombo%20ao%20cui%CC%81erlombo%20da%20palavra%20%20palavra%2C%20preta%21.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da Desobediência** – Travestilizando a educação. 1ª edição. Salvador, BA. Editora Devires, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

SALES, Adriana. **Travestis brasileiras e escolas (da vida)**: cartografias do movimento social organizado aos gêneros nômades. Curitiba: CRV, 2018.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula**: da teoria literária à prática escolar. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, 2005.

STONA, José. **A vida psíquica do armário**. In: STONA, José. Relações de gênero e escutas clínicas. 1ª ed. Salvador – BA. Editora Devires, 2020.

WA THIONG'O, Ngugi. **Descolonizar la mente: La política lingüística de la literatura africana**. Barcelona: DEBOLS! LLO, 2015.